

A INTERCULTURALIDADE COMO FORMA DE INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: UM ESTUDO DOS PROGRAMAS IBERCULTURA VIVA E MESTIZO

Daniel Mendes¹

Este artigo analisa como a interculturalidade tem sido desenvolvida como forma de integração da América Latina. A partir da metodologia do estudo de casos, buscamos compreender a experiência recente de dois programas interculturais realizados nestes trópicos: o IberCultura Viva, desenvolvido pela Secretaria Geral Ibero-americana (Segib), e o Mestizo, desenvolvido pelo British Council. Para esta compreensão, adotamos como principal arcabouço teórico e fio condutor de discussão os estudos sobre hibridação realizados pelo antropólogo Canclini (2008). Entre os relevantes resultados obtidos, destacamos a percepção dos diversificados espaços comuns criados por ambas as iniciativas, que possibilitam muito mais que meras misturas culturais, isto é, estabelecem novos pertencimentos e contribuem para o desenvolvimento sociocultural e econômico das regiões e agentes envolvidos. Assim, são efetivadas duas formas de integração da América Latina: entre países da região e entre um país latino-americano e qualquer outro do mundo.

Palavras-chave: América Latina; integração cultural; interculturalidade; hibridação; mestiçagem.

INTERCULTURALITY AS A FORM OF INTEGRATION IN LATIN AMERICA: A STUDY OF THE IBERCULTURA VIVA AND MESTIZO PROGRAMS

This article aims to analyze how interculturality has been developed as a way of integrating Latin America. Based on the case study methodology, we seek to understand the recent experience of two intercultural programs carried out in these tropics: IberCultura Viva, developed by the Ibero-American General Secretariat (Segib), and Mestizo, developed by the British Council. For this understanding, we adopt here as the main theoretical framework and thread of discussion the studies on hybridization carried out by the anthropologist Canclini (2008). Among the relevant results obtained, we highlight the perception of the diversified common spaces created by both initiatives, which enable much more than mere cultural mixtures; they establish new belongings and contribute to the sociocultural and economic development of the regions and agents involved. Thus, two forms of integration of Latin America are effected – whether between countries in its region, or between a Latin American country and any other country in the world.

Keywords: Latin America; cultural integration; interculturality; hybridization; miscegenation.

LA INTERCULTURALIDAD COMO FORMA DE INTEGRACIÓN EN AMÉRICA LATINA: UN ESTUDIO DE LOS PROGRAMAS IBERCULTURA VIVA Y MESTIZO

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo se ha desarrollado la interculturalidad como forma de integración latinoamericana. A partir de la metodología del estudio de caso, buscamos comprender la experiencia reciente de dos programas interculturales llevados a cabo en estos

1. Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam/USP); bacharel em comunicação e mestre em cultura e sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-2464-5036>>. E-mail: <danmendes.dss@gmail.com>.

trópicos: IberCultura Viva, desarrollado por la Secretaría General Iberoamericana (Segib), y Mestizo, desarrollado por el British Council. Para tal comprensión, adoptamos aquí como principal marco teórico e hilo de discusión los estudios sobre hibridación realizados por el antropólogo Canclini (2008). Entre los resultados relevantes obtenidos, destacamos la percepción de los espacios comunes diversificados creados por ambas iniciativas, que permiten mucho más que meras mezclas culturales; establecen nuevas pertenencias y contribuyen al desarrollo sociocultural y económico de las regiones y agentes involucrados. De esta manera, se efectúan dos formas de integración de América Latina, ya sea entre países de su región, o entre un país latinoamericano y cualquier otro país del mundo.

Palabras clave: América Latina; integración cultural; interculturalidad; hibridación; mestizaje.

JEL: Z; Z1.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/rtm30art11>

Data de envio do artigo: 9/10/2022. Data de aceite: 10/1/2023.

1 INTRODUÇÃO

Desde que o tema da integração latino-americana surgiu e adquiriu força entre os principais pensadores da região, a cultura sempre obteve demasiada importância como um dos setores mais relevantes a serem explorados nesta estratégia de interação transnacional. Essa discussão pode ser encontrada em textos escritos desde, pelo menos, o século XIX, por diferentes intelectuais e políticos, entre eles, o venezuelano Simón Bolívar (1783-1830) e o cubano José Martí (1853-1895). Adentrando o século XX, também foi discutida por outros pensadores, como os peruanos José Carlos Mariátegui (1894-1930) e Antonio Cornejo Polar (1936-1997), o cubano Fernando Ortiz (1881-1969), a chilena Gabriela Mistral (1889-1957), o brasileiro Darcy Ribeiro (1922-1997), entre outros importantes nomes das artes, ciências e do pensamento crítico latino-americano, que seguem surgindo e pensando esta integração no século XXI.

Há uma imensa gama de manifestações culturais: diversas matrizes étnicas compoem este espaço geopolítico, com culturas não apenas dos chamados povos originários, mas também de diferentes matrizes europeias (que chegaram primeiramente com os exploradores no século XVI e depois também com as imigrações, acentuadas a partir do século XX), africanas (que chegaram no século XVI com os nativos arrancados do continente africano para serem escravizados durante a colonização) e de outros povos que por aqui também desembarcaram (árabes, ciganos, japoneses, libaneses, turcos etc.), em um histórico já secular de imigrações. Nesse sentido, a tarefa de integrar as culturas em prol de um espaço comum a todos é um desafio que deve ser tratado com a devida atenção que tal objetivo suscita.

O contexto de migrações e imigrações globais – no qual a América Latina está inserida – fez nascer uma série de estudos sobre a cultura como tentativa de dar conta de tamanha complexidade que se forma a partir desses contatos. Muitos

desses estudos, como os realizados pelo sociólogo e crítico cultural britânico Williams (1979), proporcionaram importantes alargamentos ao conceito de cultura, antes limitado às concepções eurocêntricas, evolucionistas e iluministas, o que permitiu reconhecer também como culturas uma série de manifestações originárias de outros povos ao redor do mundo. Segundo Williams (1979, p. 23),

a ideia de um processo social fundamental que modela “modos de vida” específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social comparativo de “cultura” e de seu plural, já agora necessário, de “culturas”. A complexibilidade do conceito de “cultura” é, portanto, notável.

A partir do momento em que se reconhecem as diversas formas de existência das culturas, a questão que logo surge no avançar dos estudos culturais, entre outros estudos relacionados à cultura, é quanto ao relacionamento destas. É dessa questão que este artigo parte para a análise da interculturalidade por meio do estudo de dois casos contemporâneos (e ainda em atividade) na América Latina: os programas IberCultura Viva e Mestizo.

2 ESTUDO DE CASO 1: O PROGRAMA IBERCULTURA VIVA

Após breve introdução, vamos nos debruçar sobre um estudo de casos (metodologia de análise que adotamos) em atividade nestes trópicos e que podem ser lidos como dois exemplos de integração cultural pela via da interculturalidade. Antes, é importante observar que se trata de programas que vão além do território geopolítico latino-americano; por conta disso, nos referimos aqui a uma integração cultural da América Latina não apenas entre os seus países membros, mas também entre ela e qualquer outro país do mundo. Nesse sentido, o primeiro caso a ser analisado é o programa IberCultura Viva. Lançado oficialmente em abril de 2014, durante o 6º Congresso Ibero-americano de Cultura,² realizado em San José, na Costa Rica, o programa foi proposto pela Secretaria Geral Ibero-americana (Segib) em 2013, tendo como principal referência o programa Cultura Viva (lançado no Brasil em 2004 pelo então ministro da cultura, Gilberto Gil). Trata-se de uma iniciativa de cooperação técnica e financeira entre governos,³ criada em prol do fortalecimento de políticas públicas de base comunitária dos países ibero-americanos. Por essa via, busca-se, então:

2. Evento realizado pela Segib, que teve como tema as “Culturas vivas Comunitárias”. Reuniu mais de 350 participantes, sessenta palestrantes e representantes de quatorze governos da região. Disponível em: <<https://iberkulturaviva.org/o-programa/historico>>. Acesso em: 8 out. 2022.

3. Atualmente, o Conselho Intergovernamental IberCultura Viva é formado por onze países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Espanha, México, Peru e Uruguai. Disponível em: <<https://iberkulturaviva.org/como-funciona>>. Acesso em: 8 out. 2022.

apoiar tanto as iniciativas governamentais dos países membros como as desenvolvidas por organizações culturais comunitárias e povos originários em seus territórios. Esses apoios se realizam por meio de convocatórias públicas.⁴

FIGURA 1

I Congresso Nacional de Cultura Viva Comunitária, em Córdoba (Argentina)



Fonte: Foto por Oliver Kornblihtt.

A experiência do IberCultura Viva é pertinente para analisarmos como a interculturalidade está sendo realizada na prática no contexto em que a América Latina está inserida. O programa tem como conceito a ideia de cultura “como vínculo fundamental para transformar realidades” e, por isso, busca “reconhecer e potenciar as iniciativas culturais das comunidades nos lugares onde ocorrem”. A concepção de cultura enquanto *vínculo* é a chave que liga o programa à lógica intercultural e que permeia suas ações no apoio às comunidades. Nesse sentido, o programa acerta ao fazer uso da expressão *viva*, pois é a partir dos vínculos (ou das misturas) que as culturas se renovam e mantem, assim, sua vivacidade contínua. Como o antropólogo Canclini (2008, p. 23) nos alerta,

quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar as tradições. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e a política.

4. Todo o conteúdo citado direta e indiretamente acerca do programa IberCultura Viva pode ser encontrado em seu *site* oficial, disponível em: <<https://iberculturaviva.org/>>.

É com base na ideia dos vínculos que o programa compreende a expressão “cultura viva comunitária”, criada não apenas para dar nome, mas também sentido e visibilidade a dinâmicas culturais que surgem continuamente nos países ibero-americanos. Dessa forma, as ações implantadas propõem levar a lógica intercultural para as comunidades, contribuindo para a manutenção das suas vivências culturais.

Por que viva? Porque é pulsante, mutante, diversa. Por que comunitária? Porque é onde surge, onde se organiza. E porque a ideia é beneficiar prioritariamente os povos, grupos e comunidades em situação de vulnerabilidade social e com reduzido acesso aos meios de produção, registro, fruição e difusão cultural.

É oportuno observar que mesmo voltado para as comunidades, o IberCultura Viva não está preso a uma lógica meramente local, ao contrário, ele propõe um diálogo entre os vários *locais* existentes; e não apenas entre países da América Latina, mas também com a Espanha (daí o uso do prefixo *iber*).⁵ Com essa expansão de território, o programa vai além dos alcances transnacionais e se torna também transcontinental, possibilitando o alargamento de redes de intercâmbio que beneficiam todas as comunidades envolvidas com os diálogos estabelecidos. Tais benefícios se efetivam, sobretudo, por meio dos vínculos constituídos entre os membros das diversas comunidades apoiadas pelo programa, o que permite trocas de experiências, empréstimos recíprocos, aberturas de oportunidades para deslocamentos visando novos aprendizados a serem utilizados em determinadas comunidades, entre outras inúmeras possibilidades.

Não à toa, o programa IberCultura Viva estabeleceu, desde a sua criação oficial em 2014, novos parâmetros de gestão e democracia, tendo como base principal os conceitos de “Estado-rede” de Manuel Castells e o de “Estado ampliado” de Antonio Gramsci. No primeiro conceito, Castells (1999) vai defender a integração de órgãos e entidades para o desenvolvimento de políticas públicas em prol de uma maior fragmentação do poder decisório, da transparência e, como resultado disso, da participação democrática. No contexto contemporâneo da globalização, por exemplo, o Estado-rede seria uma forma política capaz de permitir a gestão rotineira das tensões entre o local e o global. Sobre este tema, a pesquisadora Carla Martelli vai nos dizer que

a construção do Estado-rede se dá por meio de uma reforma da administração pública. A ideia fundamental é a de difusão do poder de centros para o poder de redes. O novo Estado não elimina o Estado-nação, mas redefine-o. O novo Estado compartilha sua autoridade mediante uma série de instituições. Se ele assume a forma de uma rede, deixa de ter um centro bem definido: articula-se por meio de diferentes nós e de relações internodais frequentemente assimétricas. Todos os nós, porém, são necessários para a existência da rede (Martelli, 2002, p. 185).

5. Portugal, até então, não participa do programa.

A ideia central de Castells (1999), adotada pelo IberCultura Viva, é a de que o Estado-rede deve atuar a partir da noção de um poder que está difundido entre instituições regionais e locais. Logo, não se trata de uma ruptura com a ideia de Estado, mas, sim, uma ampliação dessa ideia. É por essa via que o programa se conecta com o segundo conceito citado, o de “Estado ampliado”, proposto por Gramsci no início do século XX. A importante contribuição desse autor foi ter ido além das concepções repressivas de Estado estabelecidas por Marx e Engels ao longo do século XIX. Gramsci defende que, com o desenvolvimento histórico, o Estado vai ganhando novas configurações

através das relações estabelecidas entre os diferentes estratos sociais na produção e reprodução da vida social. O caráter coercitivo do Estado como “única” determinação vai cedendo espaço para novas formas de articulação política, pelo entrelaçamento de mecanismos de coerção e consenso, dominação e hegemonia (...) Portanto, a concepção de Estado ampliado que configura novas determinações à superestrutura, possibilita alargar a compreensão do desenvolvimento societário e, mais especificamente, permite imprimir a análise do Estado o rigor do trato dialético, desvendando a sinuosidade das relações políticas na sociedade (Adams e Pfeifer, 2006, p. 241).

Nesse caminho gramsciano, o IberCultura Viva tem proposto há oito anos um processo “vindo de baixo para cima”, possibilitando, ao inverter a lógica comum do Estado-Nação, o “reconhecimento institucional a organizações da sociedade civil que já desenvolviam atividades culturais em suas comunidades”. Com esse modelo adotado, o programa renova a própria noção de política pública ao propor um Estado não por meio de imposições de ações e condutas, mas a partir do reconhecimento da importância das culturas produzidas nas comunidades. Assim, as ações

em vez de impor[em] uma programação cultural, reconhece[m] e potencializa[m] as iniciativas culturais da comunidade no lugar onde elas ocorrem, conforme suas necessidades e planos de trabalho. Autonomia e protagonismo social são palavras-chave desse processo contínuo que vem inspirando cada vez mais países (e cidades) na Ibero-América.

Aqui é importante também compreender a noção de “comunidade” adotada pelo programa em estudo. Tal noção diz respeito a organizações que desenvolvem ações culturais, educacionais e de comunicação popular atreladas a um determinado território. Essas ações são configuradas como permanentes (vivas), mas sem um vínculo direto com o Estado ou com o chamado mercado de bens culturais. Trata-se de “cultura viva”, portanto:

iniciativas desenvolvidas em/por centros culturais, rádios e tevês comunitárias, jornais de bairro, grupos de teatro, dança, circo, artes visuais, grupos que trabalham com cinema, literatura, resgate de identidade, saberes tradicionais, alternativas econômicas solidárias e colaborativas... São inúmeras as possibilidades de atuação nas comunidades, tendo em vista o estímulo à criatividade e o respeito à dinâmica local. E é assim, relacionando cultura e território, cultura e identidade, que vem se construindo uma nova história de políticas públicas na região ibero-americana.

FIGURA 2
Lançamento da Lei Cultura Viva, em Brasília (abril de 2015)



Fonte: Foto por Christian Braga.

Uma forma de melhor compreender a atuação do IberCultura Viva é entender as suas ações na prática. Como já dito, além de voltar a sua atenção para as diversas culturas comunitárias, visando o seu sustento e continuidade, o programa aposta também na lógica da interculturalidade para promover o intercâmbio contínuo entre essas diferentes expressões culturais. Um bom exemplo disso aconteceu em maio de 2022, no departamento de Canelones, localizado ao sul do Uruguai, que recebeu a visita de quarenta artistas independentes e gestores culturais da cidade de São Leopoldo, situada no Rio Grande do Sul, Brasil. Tal intercâmbio foi estabelecido a partir de performances e oficinas realizadas nas cidades de Canelones, Las Piedras, Salinas, Los Cerrillos e Sauce. Essa *caravana cultural* foi possibilitada por meio de um edital promovido pela Rede Mercociudades, apoiada pelo programa IberCultura Viva. Muito em breve, será a vez dos artistas uruguaios visitarem a cidade brasileira de São Leopoldo para uma série de apresentações e oficinas. O objetivo dos realizadores é fixar esse intercâmbio como evento anual.

Ao entrarem em zona de contato e superarem suas fronteiras, estes artistas e gestores de cultura brasileiros e uruguaios passam a estabelecer um processo de trocas culturais entre diferentes manifestações, possibilitando não apenas um mero convívio respeitoso, mas um intercâmbio de fato, no qual novas possibilidades

artísticas e culturais surgem desse encontro. Nasce também aqui uma integração cultural, ou seja, cria-se um espaço comum transnacional – que favorece os deslocamentos, as negociações, as adaptações. Em suma, algo que reverbera positivamente não apenas no âmbito da cultura, mas também da sociedade e da economia, pois é benéfico ao desenvolvimento regional, que acaba sendo alargado por ações como essa. Por conta disso, retomando mais uma vez Canclini (2008, p. 23-24), é preciso

deslocar o objeto de estudo da identidade para a heterogeneidade e a hibridação interculturais. (...) Estudar processos culturais, por isso, mais do que levar-nos a afirmar identidades auto-suficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações.

O retorno para cada parte envolvida nessas trocas híbridas é fundamental para ambos os desenvolvimentos. No exemplo citado, brasileiros e uruguaios não deixam de ser brasileiros e uruguaios porque estão em processo de hibridação cultural, mas estão a possibilitar o surgimento de novas configurações *brasilguaiaias* ou *urulheiras*, que também farão parte das suas comunidades de trânsitos regionais. Entre as oficinas realizadas pelos brasileiros no Uruguai destacaram-se: dança, teatro, música popular brasileira, fotografia e literatura. Na ocasião, os uruguaios das cidades do departamento de Canelones puderam aprender sobre o processo de criação dessas artes através dos relatos dos artistas brasileiros; quando forem ao Brasil (mais especificamente à cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul) poderão apresentar para os brasileiros desse lugar a forma uruguaia de criar tais expressões. As hibridações que resultarão desta interculturalidade vão gerar culturas integradas, logo, não segregacionistas, por isso, abertas e contínuas, e, é claro, vivas.

FIGURA 3

Apresentações artísticas dos brasileiros no Uruguai



Fonte: Fotos por IberCultura Viva.

3 ESTUDO DE CASO 2: O PROGRAMA MESTIZO

O segundo estudo de caso sobre o qual nos debruçaremos a partir de agora diz respeito ao programa Mestizo. Trata-se de uma iniciativa de intercâmbio musical e cultural entre artistas da Colômbia e do Reino Unido realizada pela British Council.⁶ Iniciado em setembro de 2019, o programa tem possibilitado que músicos colombianos e britânicos, de diferentes culturas, possam criar de forma colaborativa, permitindo, com isso, trocas de conhecimentos, ensinamentos e aprendizados. Desses encontros surgiu o coletivo musical também batizado pelos músicos como Mestizo.⁷ A maior parte dos músicos, tanto colombianos quanto britânicos, pertence a cenas emergentes de *jazz* e músicas independentes em ambos os países. Tais canções se conectaram e geraram um espaço comum, não apenas de convivência respeitosa, mas, sobretudo, de criatividade fértil e contínua:

*los logros de una generación de productores británicos como Richard Blair y Quantic, que han sido pioneros en exaltar la riqueza de la cultura musical colombiana a través de propuestas musicales como Siddestepper u Ondatrópica, no solo han ayudado a crear un diálogo entre el folclor colombiano y los sonidos del Reino Unido, sino que han dado un sentido de orgullo y pertenencia a las nuevas generaciones de músicos que actualmente están reincorporando la tradición musical en sus propuestas. Sobre la base de este legado y la conexión de dos naciones unidas por su diversidad cultural, musical y artística, decidimos crear Mestizo, con el objetivo de exaltar y explorar el lugar en el que la música se convierte en un puente entre dos mundos que extraen lo mejor de su herencia musical para darle vida a nuevos ritmos globales.*⁸

Logo, no início de nossa análise já é possível indicar que não se trata aqui de um programa que ressalta a globalização excludente, desigual e exploratória, tampouco de uma proposta universalista com pretensões homogeneizadoras. Trata-se de um programa que, a partir de um encontro das diferenças, possibilita o surgimento de novas diferenças integradas, rompendo, assim, com concepções essencialistas da diferença, trabalhadas e ressaltadas para evitar os encontros e o que nasce desses encontros.

Neste tempo, quando “as decepções das promessas do universalismo abstrato conduziram às crispações particularistas” (Laplantine e Nouss, p. 14), o pensamento e as práticas mestiças são recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões das diferenças (Canclini, 2008, p. 26).

6. Instituto cultural fundado em 1934, com sede oficial em Londres. Atualmente, tem filiais em diversas partes do mundo, como em países da América Latina. Como uma entidade pública, além de oferecer cursos de inglês, também investe na qualificação das relações exteriores do Reino Unido. O projeto Mestizo é fruto da parceria entre a sede oficial em Londres e o British Council Colombia, com sede na capital Bogotá.

7. O coletivo Mestizo estrearia oficialmente no dia 20 de abril de 2020, no festival londrino La Linea, mas precisou cancelar a apresentação por conta do avanço da pandemia de covid-19. O *show* foi replanejado e apresentado ao vivo, de forma *online* e simultânea, diretamente das cidades de Bogotá e Londres, nos dias 2 e 4 de maio de 2021. Com a retomada dos festivais presenciais, o Mestizo começa a realizar uma série de apresentações. Em 2022, estiveram no festival Bime City em Bogotá nos dias 5 e 6 de maio.

8. Disponível em: <<https://www.britishcouncil.co/artes/musica/mestizo>>.

FIGURA 4
Ensaio do coletivo Mestizo em Bogotá



Fonte: Foto por The Wire.

O espaço comum que nasce de encontros como esse não se caracteriza pelo romantismo da negação dos conflitos. Todos nesse espaço estão em processo de negociação. Há um interesse comum: interagir. Acompanhado deste, há uma aspiração compartilhada: a liberdade, que resulta em um desejo também partilhado: o de criar. Dessas *vontades* surgem as conexões, que, nesse caso, geram criações musicais, sendo estas ao mesmo tempo locais (mais especificamente de Bogotá e Londres) e internacionais, ou transcontinentais (espaço comum criado entre Colômbia e Reino Unido). Assim, o som do Mestizo:

se basa en las raíces de la diáspora de los músicos británicos y colombianos; por momentos filtrados por el 'grime' y en otros por el inquietante sonido de la gaita. Como sus contrapartes británicas, los músicos colombianos han adoptado distintas tradiciones musicales para crear algo nuevo y refrescante. Por un lado, la escena del jazz británica ha experimentado una explosión reciente (según The Guardian) alimentada por un encuentro con otros géneros como el hip-hop, neo-soul, sonidos propios de la cultura británica nocturna como el broken beat, o los sonidos propios de la diáspora Africana y Caribeña. Del lado Colombiano, desde hace más de 15 años, jóvenes colombianos de grandes ciudades empezaron a crear fusiones musicales entre la cumbia y el currulao mezclado con jazz, hip-hop, salsa, electrónica y crearon una nueva vanguardia de la música colombiana.⁹

9. Disponível em: <<https://www.britishcouncil.co/eventos/mestizo-la-linea>>.

FIGURA 5
Logotipo do programa e coletivo Mestizo



Fonte: Foto por La Linea.

Muito se discute atualmente no campo das ciências humanas e sociais, especialmente no contexto latino-americano, acerca do uso do termo mestiço e do conceito de mestiçagem. Primeiramente, é importante destacar que devido às inúmeras formas – muitas vezes antagônicas – como tal conceito foi concebido ao longo do tempo, é impropriedade associar tal conceito apenas a uma única forma de pensamento já concebida. Ou seja, se por um lado a mestiçagem já foi idealizada por políticos e intelectuais racistas no final do século XIX e início do século XX como forma de branqueamento das populações latino-americanas, como a brasileira,¹⁰ por exemplo, por outro, ela também já foi concebida por políticos e intelectuais no avançar do século XX (mais fortemente a partir dos anos 1920-1930) como forma de enfrentamento ao racismo de pretensões branco-puristas, como o nazismo de Adolf Hitler na Alemanha, que culminou na Segunda Guerra Mundial ou Segunda Grande Guerra (1939-1945).

Nessa forma positiva de se conceber a mestiçagem (a antirracista), intelectuais como José Martí, em Cuba, José Carlos Mariátegui, no Peru, Franz Boas, nos Estados Unidos, Gilberto Freyre, Jorge Amado e Darcy Ribeiro, no Brasil, entre muitos outros, defendiam as misturas étnicas e culturais como forma de se gerar povos mestiços e, assim, aniquilar a falácia nazista de *raça pura ariana*. Isto posto, é possível compreender o uso do termo *mestizo* pelo programa de intercâmbio musico-cultural criado pelo British Council. Trata-se de um resgate das visões positivas sobre a mestiçagem e, por que não, uma resistência em prol do uso desse termo – muitas vezes atacado de forma inábil ou politicamente desonesta.

10. Esse pensamento justificou, entre outras políticas, o incentivo à imigração europeia por parte das elites econômicas e do próprio Estado, enquanto, ao mesmo tempo, defendia a ideia de que os não-brancos, principalmente os negros, representavam um fator de atraso para a nação brasileira e, portanto, não era interessante promover sua integração (Santos, 2019).

Aqui, no caso do programa e do coletivo Mestizo, a mestiçagem se fundamenta no sentido paralelo às políticas de hibridação defendidas por Canclini (2008, p. 27):

as políticas de hibridação serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza a guerras entre culturas, como imagina Samuel Huntington. Podemos escolher viver em estado de guerra ou em estado de hibridação.

Diante disso, é possível perceber outro aspecto positivo relacionado ao programa, que é o seu caráter cultural transcontinental. O Mestizo, em particular, se diferencia, por exemplo, do programa IberCultura Viva, que também é transcontinental, a partir do vínculo histórico estabelecido pelo prefixo iber. No segundo caso aqui em estudo, o intercâmbio promove um outro vínculo possível, na ocasião, com os britânicos (anglo), algo também positivo e cabível para se investir na América Latina. Pela via deste contato, músicos colombianos estão a emergir em uma série de novos saberes (musicais, culturais, técnicos, tecnológicos, comunicacionais etc.), assim como também possibilitando aos britânicos o aprendizado de seus conhecimentos (locais, ancestrais, históricos, diaspóricos etc.). Essa troca horizontal beneficia a ambos, o que reflete, no caso dos colombianos, por exemplo, em ações realizadas por estes músicos nas comunidades locais e periféricas de suas cidades, onde ocorre o compartilhamento de aprendizados adquiridos durante o intercâmbio.

FIGURA 6

Folder da apresentação do coletivo no festival Bime City, em Bogotá



Fonte: Foto por British Council.

As tentativas de impedimentos dos usos das mestiçagens, as quais o programa Mestizo se contrapõe, podem ser explicadas pelo que Gruzinski (2000) chama de *enfoques dualistas e maniqueístas*:

as dificuldades para se pensar a mistura não são próprias das ciências sociais. (...) A complexidade do universo social e histórico não é o único motivo responsável por nosso embaraço. A compreensão da mestiçagem choca-se com hábitos intelectuais que levam a preferir os conjuntos monolíticos aos espaços intermediários. Com efeito, é mais fácil identificar blocos sólidos do que interstícios sem nome. Preferimos considerar que “tudo o que parece ambíguo só o é na aparência, e que a ambiguidade não existe”. Os enfoques dualistas e maniqueístas seduzem pela simplicidade e, quando se revestem da retórica da alteridade, confortam as consequências e satisfazem nossa sede de pureza, inocência e arcaísmo (Gruzinski, 2000, p. 47-48).

O pensamento mestiço de Gruzinski (2000) estabelece um diálogo preciso com a crítica de Canclini (2008), que considera a apreensão das hibridações como algo desafiador “para o pensamento moderno de tipo analítico, acostumado a separar binariamente o civilizado do selvagem, o nacional do estrangeiro, o anglo do latino” (Canclini, 2008, p. 33). Ainda sobre os legados positivos desse programa, é estabelecida uma ligação afetiva entre músicos de duas nações diferentes, que se unem em prol das suas diversidades musicais, culturais e artísticas, fazendo da música uma ponte livremente transitável entre dois mundos que, além de adquirirem consciências das suas heranças músico-culturais (afrodescendentes, europeias e indígenas), partem delas para criar novos ritmos *translocais* (mestiços).

Os novos pertencimentos gerados por essa relação não destroem os pertencimentos já estabelecidos até o referido encontro; eles são agregados a uma experiência cultural cada vez mais híbrida e alargada, permitindo os trânsitos e novos relacionamentos culturais. Os novos pertencimentos que o programa Mestizo tem possibilitado para os músicos envolvidos nesse intercâmbio também é um exemplo frutífero de integração intercultural na América Latina e entre ela com outros mundos. Dessa forma, para compreender a mestiçagem de maneira positiva, como faz o programa aqui em estudo, especialmente no âmbito cultural, é preciso antes ampliar as ideias de cultura:

para apreender as misturas, é preciso começar desconfiando do termo “cultura”, gasto até a sola por gerações de antropólogos, sociólogos e historiadores. (...) Insistindo nas especificidades e diferenças, em detrimento do que liga cada cultura a outros conjuntos, próximos ou distantes, logo se chega às retóricas da alteridade e, depois, às do multiculturalismo, o qual defende “a coabitação e a coexistência de grupos separados e justapostos, decididamente voltados para o passado, que convém proteger do encontro com os outros”. Ora, basta examinar a história de qualquer grupo humano para perceber que esse arranjo de práticas e crenças, admitindo-se que possua uma autonomia qualquer, mais se aparenta a uma nebulosa em perpétuo movimento do que a um sistema bem definido (Gruzinski, 2000, p. 51-52).

De todo modo, como aponta Canclini (2008, p. 33), “a intensificação da interculturalidade favorece intercâmbios, misturas maiores e mais diversificadas do que em outros tempos”, e é esse o contexto em que deve ser analisado e compreendido o programa e coletivo colombiano-britânico batizado por Mestizo. Ainda segundo Canclini (2008, p. 33),

essa variabilidade de regimes de pertença desafia mais uma vez o pensamento binário a qualquer tentativa de ordenar o mundo em identidades puras e oposições simples. (...) É necessário registrar aquilo que, nos entrecruzamentos, permanece diferente.

FIGURA 7

Músicos do Mestizo em apresentação na cidade de Bogotá



Fonte: Foto por Noise Press.

Em suma, as diferenças existem, como observa Canclini (2008). Contudo, elas se formam justamente dos entrecruzamentos, das hibridações; logo, o que é considerado tradicional hoje, outrora também já foi fruto de uma mistura. É nesse sentido que Gruzinski (2000) se opõe ao trato da diferença como alibi para ações segregacionistas, a partir de falácias estanques e puristas.

Na prática, o programa da British Council, Mestizo, e o coletivo homônimo que dele resultou, contribuem para o borramento das fronteiras e dos distanciamentos (geográficos e simbólicos) entre os países em envolvimento nessas trocas (Colômbia e Reino Unido), possibilitando espaços de diálogo, o que resulta em um intercâmbio criativo. Experiências como essa são benéficas não apenas para a promoção da diversidade cultural contínua, mas também para o desenvolvimento econômico da região – especialmente a latino-americana. Trata-se também de uma integração positiva a ser pensada e

efetivada para a América Latina que, além de ter os seus países integrados, pode experimentar, do mesmo modo, integrações com países de qualquer região do mundo, particularmente no âmbito da cultura e, sobretudo, no contexto intercultural contemporâneo.

4 UMA BREVE COMPREENSÃO TEÓRICA DOS CASOS: A HIBRIDAÇÃO POR NÉSTOR GARCÍA CANCLINI

Por meio do pensamento desenvolvido pelo antropólogo argentino radicado no México, Néstor García Canclini, podemos compreender as diversas formas de relacionamento entre as culturas, em especial no contexto latino-americano, como ocorre em ambos os programas aqui estudados (IberCultura Viva e Mestizo), nosso recorte de análise. Em seus trabalhos, Canclini (2008) entende os processos de interculturalidade como os mais pertinentes para a compreensão da cultura na contemporaneidade. Contudo, para o devido entendimento desta lógica cultural, é preciso compreender antes o que o antropólogo nomeou por hibridação:

entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras (Canclini, 2008, p. 19).

A defesa do autor pela hibridação se sustenta em evidências que realiza em sua obra *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, de 2008,¹¹ quanto a produtividade e o poder inovador das diversas misturas interculturais. Dessa forma, o objeto de estudo é deslocado, deixando de se concentrar na hibridez do resultado para possibilitar a compreensão dos processos de hibridação. Ao analisar empiricamente tais processos, em suas estratégias articuladas de reconversão, Canclini (2008, p. 22) demonstra que “a hibridação interessa tanto aos setores hegemônicos como aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade”. Tal aceção possibilitou muitos desvios de rotas nos estudos da interculturalidade, pois a ênfase na hibridação

não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”. Além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização (Canclini, 2008, p. 23).

Em um diálogo com Canclini (2008), Weissmann (2018) nos chama atenção para o prefixo *inter*, “que, no dicionário, é identificado como posição intermediária, reciprocidade, interação, interpondo uma forma de estabelecer uma ponte, uma intermediação, um encontro, para formar uma rede na

11. A primeira edição da obra foi publicada em 1989.

interculturalidade” (Weissmann, 2018, p. 26). Ou seja, na interculturalidade as interações são premissas-chaves. Isso não significa dizer que não existam conflitos nessas interatividades, uma vez que o confronto é um elemento tão importante e significativo nesses processos culturais quanto o próprio entrelaçamento:

nas condições de globalização atuais, encontro cada vez mais razões para empregar os conceitos de mestiçagem e hibridação. Mas, ao se intensificarem as interculturalidades migratória, econômica e midiática, vê-se, como explicam Francois Laplantine e Alexis Nouss, que não há somente “a fusão, a coesão, a osmose e, sim, a confrontação e o diálogo” (Canclini, 2008, p. 26).

De forma direta, Canclini (2008) defende o pensamento e as práticas mestiças¹² como recursos para reconhecer o diferente e, assim, “elaborar as tensões das diferenças” (Canclini, 2008, p. 26). Esse processo de interseção e transações é a própria hibridação, e é precisamente o que torna possível “que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade” (Canclini, 2008, p. 27). Dito de outro modo, o termo multiculturalidade utiliza o prefixo multi – que, no dicionário, indica muito, numeroso –, contudo, na prática, ela implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar:

trata-se de várias culturas no mesmo patamar. As diferenças ficam estanques e separadas em cada cultura, possibilitando pensar no que os antropólogos chamam a lógica do Um, que só tem uma verdade a seguir e uma forma de pensar o mundo (Weissmann, 2018, p. 23-24).

Com efeito, é importante ressaltar a interculturalidade concebida por Canclini (2008) como uma hibridação produtiva, de cunho comunicacional. Porém, o antropólogo nos orienta que, ao estudarmos movimentos recentes de globalização, é crucial advertirmos que tais movimentos não apenas geram e se integram em formas de mestiçagens mas também segregam e produzem novos tipos de desigualdades. De todo modo, “alguns atores sociais encontram nesses processos recursos para resistir à globalização ou modificá-la e repropor as condições de intercâmbio entre culturas” (Canclini, 2008, p. 31).

Por essa acepção, para um projeto bem-sucedido de integração cultural da América Latina, o pensamento multi¹³ seria o ponto de partida para um outro estágio, isto é, o da interculturalidade. Se pensarmos, então, no contexto da multiplicidade étnica e cultural existente em todo o espaço geopolítico que chamamos

12. É útil advertir sobre as versões excessivamente amáveis da mestiçagem. Por isso, convém insistir que o objeto de estudo não é a hibrididade, mas, sim, os processos de hibridação. Assim, é possível reconhecer o que contém de desgarre e o que não chega a se fundir. Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, ou seja, do que não deixa, ou não quer, ou não pode ser hibridado (Canclini, 2008, p. 27).

13. Por meio do pensamento multicultural também é possível investir na preservação de culturas que se consolidaram ao longo do tempo como tradicionais e que apresentam complexidades que dificultam suas hibridações. Neste caso, uma integração cultural se daria mais em relação às suas divulgações para outros povos da região, em trabalhos cooperativos, mas não necessariamente através de processos de hibridação.

de América Latina, e se a intenção principal de um projeto de integração é a criação de um espaço comum entre os povos que nele habitam (e que também passam a habitar), neste caso, a lógica intercultural se torna a mais plausível para o desenvolvimento desse projeto integrador. Nesse contexto, o pensamento inter se infiltraria em processos que vão muito além do mero objetivo de misturar culturas. Ele estabeleceria o alargamento de novos territórios interculturais nas desterritorializações de culturas antes separadas.

Finalmente, no contexto da integração cultural da América Latina, como o próprio termo nos sugere (uma *interação*, mais do que um mero diálogo, um mero convívio, um mero trânsito) – ou seja, uma hibridação, de fato –, a interculturalidade é evidenciada, como analisamos nos casos dos programas IberCultura Viva e Mestizo, como o caminho mais frutífero quando se visa a consolidação de um espaço comum e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento, não apenas no âmbito da cultura, mas também nas searas políticas, econômicas, sociais, educacionais, entre outras igualmente importantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, tendo em vista o estudo proposto por meio da discussão levantada neste artigo, não há caminho mais pertinente para findá-lo que ressaltarmos a defesa estabelecida em relação à interculturalidade como a lógica cultural mais bem apropriada para o contexto da América Latina. Mais do que gerar *culturas híbridas*, como bem cunhou Canclini (2008) em sua obra máxima, as hibridações interculturais possibilitam espaços comuns, que se efetivam em novos pertencimentos, bastante propícios para o contexto contemporâneo de intensificação de contatos entre pessoas do mundo inteiro, das migrações (livres ou forçadas) e das misturas; chamem-nas de hibridações, mestiçagens, fusões, transculturações, ou qualquer outro termo plausível que queiram dar. Uma interculturalidade é, portanto, algo que decorre de um processo de hibridação, de uma mescla, e não apenas de um diálogo ou convívio, que não gera algo novo proveniente de um *interencontro*.

Analisamos aqui dois casos de programas que investem atualmente nessa lógica intercultural. No primeiro caso estudado, o IberCultura Viva propõe uma interculturalidade comunitária, a partir da ligação histórica entre países latino-americanos e a Espanha (Portugal ainda não faz parte do programa); no segundo caso, o programa Mestizo vai além dos vínculos comunitários e latinos, unindo Colômbia e Reino Unido em um intercâmbio também transcontinental e plenamente frutífero para ambos os países. As duas experiências foram consideradas, a partir de nossa análise, como positivas e podem servir de modelos para outras ações similares em prol da integração cultural e do desenvolvimento socioeconômico da América Latina.

Não por acaso, ambos os programas também funcionam como projetos políticos, pois investem na pluralidade das culturas, e não em suas homogeneizações e estancamentos. Por isso, é importante compreender a heterogeneidade que habita nas hibridações culturais contemporâneas. Em outras palavras, é crucial nos mantermos em busca de respostas para o que Canclini (2008, p. 37) nos pergunta:

é possível democratizar não só o acesso aos bens, mas também a capacidade de hibridá-los, de combinar os repertórios multiculturais que esta época global expande?

Encontrar respostas plausíveis para tal questionamento depende, antes de tudo, de ações políticas e econômicas. Entre elas, quero destacar a urgência de que os acordos de livre-comércio sejam acompanhados por regras que ordenem e fortaleçam o espaço público transnacional. [...] capaz de abranger múltiplas pertenças (Canclini, 2008, p. 37).

É isto o que ambos os programas aqui estudados, às suas maneiras, proporcionam: o fortalecimento do espaço público transnacional, o que abrange múltiplas pertenças.

Por fim, uma diferença a ser observada entre os programas IberCultura Viva e Mestizo diz respeito às suas zonas de atuação: enquanto o primeiro atua mais nas pequenas cidades, sobretudo em suas comunidades, incentivando seus habitantes a interagirem com outras culturas da região (ou do espaço geopolítico e cultural iber), o segundo foi concebido em duas grandes cidades (Bogotá e Londres), onde, de fato, as hibridações (Canclini, 2008) e as mestiçagens (Gruzinski, 2000) ocorrem mais espontaneamente. Inclusive, as grandes cidades acabam se tornando zonas ainda mais estratégicas para a interculturalidade, por serem palcos mais frequentes de exílios e migrações, ou seja, exercendo “condições propícias para as misturas e a fecundação entre culturas” (Canclini, 2008, p. 38). Em espaços interculturais, transnacionais e transcontinentais comuns, a vida dos migrantes tende a ser mais facilitada, sendo esta uma importante ação para se tentar resolver, por exemplo, o problema cada vez mais recorrente dos refugiados.

Comprovou-se, nesses dois casos estudados, que uma integração intercultural da América Latina (entre seus diversos países e povos; e entre países e povos destes trópicos com países e povos de qualquer lugar deste planeta) pode ser possível por meio de pensamentos lúcidos, honestos, abrangentes, corajosos e, acima de tudo, livres. Importantes resultados obtidos por esses dois programas – as trocas de conhecimentos culturais, os alargamentos das zonas de trânsito e pertencimento, os aprendizados tecnológicos aplicados em diferentes comunidades, os novos convívios e culturas que nascem desses processos interculturais, além das novas possibilidades socioeconômicas, entre outras conquistas pertinentes – foram possíveis

justamente por conta de pensamentos transgressores, tais como os que evidenciamos nos participantes de ambos os programas aqui em estudo.

Mesmo não se tratando de programas que buscam uma plena integração da América Latina, IberCultura Viva e Mestizo possibilitam pensar modos para tal integração, além de viabilizarem também outras relações entre pessoas de lugares diferentes, permitindo um mundo menos segregado por discursos essencialistas e, portanto, mais intercultural.

REFERÊNCIAS

ADAMS, José Rodrigo Barth; PFEIFER, Mariana. O Estado ampliado de Gramsci. **Revista Mosaico Social**, n. 3, p. 239-248, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Estado-rede: a possibilidade do Estado na sociedade informacional**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTELLI, Carla Gandini Giani. Estado-rede: a possibilidade do Estado na sociedade informacional. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 173-204, 2002.

SANTOS, Renan Rosa dos. As políticas de branqueamento (1888-1920): uma reflexão sobre o racismo estrutural brasileiro. **Por dentro da África**, 4 set. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3ZyIR38>>. Acesso em: 8 out. 2022.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Revista Construção Psicopedagógica**, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

